



ENTREVISTA  
BRUNO BRAZ

“

**DEVOLVER À TERRA  
O QUE É DA TERRA**

”

### Identificação do Produtor

Comissão de Compartes dos Baldios de Alge (Bruno Braz)

### Produto

Medronho, Sobreiro, Cedro

### Local

Carvalhos, Pé de Janeiro, Ponte Fundeira, Pé de Ingote, Ribeira Velha e Searas

### Sede

Alge - Campelo

### Área Total

1400 hectares

### Constituição da Associação

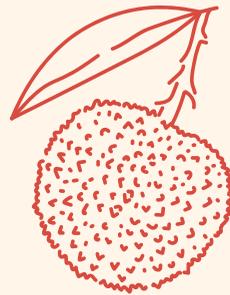
28 de setembro de 2001

### Início do Projeto da Plantação

2018

### Tipo de Atividade

Associação



## COMISSÃO DE COMPARTES DOS BALDIOS DE ALGE

### MEDRONHO

CARVALHOS, PÉ DE JANEIRO, PONTE FUNDEIRA, PÉ DE INGOTE, RIBEIRA VELHA E SEARAS

Conhecer os Baldios é como descobrir pequenos milagres da natureza em todo o seu esplendor. Bruno Braz, o presidente da Comissão de Compartes, mostrou-nos toda essa beleza desconhecida que esta associação quer dar às pessoas.

Mudar paradigmas, valorizar o interior e mostrar o seu potencial, fixar pessoas e redescobrir a floresta... Esta é a visão que move a associação nascida numa aldeia que já esteve reduzida a zero habitantes e que deseja ardentemente ser mais que uma aldeia para passar férias...!

Conheça melhor este negócio AQUI.



**P. A Comissão de Compartes foi constituída em 2001 e em 2018 inicia uma plantação de medronheiros. Porquê um projeto desta natureza, 17 anos depois?**

R. O Projeto tem como objetivo devolver a floresta à floresta, ou seja voltarmos a ter uma floresta completamente heterogénea, em vez de ser uma floresta homogénea, em que temos subculturas intensivas quer de pinho, quer de eucalipto. Queremos ter uma floresta completamente heterogénea, com vários tipos de espécies, com a plantação dos sobreiros, com a plantação dos medronheiros, com a plantação dos cedros... Estamos também a tentar que a queiró, que digamos é a planta essencial e caracteriza essencialmente o mel da Lousã, não desapareça. Tentámos encetar esforços com universidades para ver de que forma é que podemos fazer uma plantação de queiró, porque sabemos que é uma espécie de difícil plantação, segundo o que nos informaram, numa sementeira só cerca de 10 % é que

sobrevive. Tivemos agora boas notícias porque já se vê o rebentamento da queiró, que caracteriza o mel da Lousã, o único do país e, salvo erro, só há outro no mundo com estas características, e é isso que temos de salvar. Um dos objetivos que temos a breve trecho é o mel e, também, a produção de queijo, e para isso é preciso que haja uma preservação desta fauna que nós temos e que tende a desaparecer com a intensificação massiva quer de pinho, mas principalmente de eucalipto, nesta zona, felizmente ou infelizmente estamos nos melhores concelhos do país para produção de pasta de papel e temos esta situação em que cada vez há mais e mais produção de eucalipto.

A ideia da plantação dos medronhos surge após os incêndios. A ideia já é anterior, mas temos de ter a noção que uma plantação destas implicaria valores astronómicos, seriam pelo menos 2-3 anos da nossa faturação anual, seriam aqui valores sempre superiores a

“

**A NOSSA IDEIA É DEVOLVER A FLORESTA À FLORESTA, DEVOLVER AQUILO QUE A FLORESTA ERA ANTIGAMENTE, QUER SEJA POR UMA QUESTÃO DE BIODIVERSIDADE, QUER SEJA POR UMA PRESERVAÇÃO DE TODAS AS ESPÉCIES (...)**

“





200 mil euros, só nesta plantação! Estamos a falar de 85 Ha, se fosse exclusivamente de medronhos, que não é o caso e também não era a nossa ideia pôr uma plantação intensiva só de medronho. A nossa ideia é devolver a floresta à floresta, devolver aquilo que a floresta era antigamente, quer seja por uma questão de biodiversidade, quer seja por uma preservação de todas as espécies que nós temos nesta serra, quer seja, e não somos completamente alheios a isto, numa questão de gestão florestal, no âmbito dos incêndios, porque sabemos perfeitamente que se optarmos sempre por uma plantação intensiva, de só uma espécie, é muito mais provável que

haja incêndios com maior intensidade. Sabemos que tudo arde, não é por dizer que o medronho não arde, agora arde com muito menos intensidade do que se fosse uma plantação de pinho ou de eucalipto, assim tal e qual como o sobreiro, arde na mesma, agora arde com muito menos intensidade do que arde qualquer outra das plantações comuns que nós temos aqui na zona, nomeadamente o eucalipto e o pinho.

**P. O projeto surge, então, após os incêndios de 2017. A associação aproveitou os apoios governamentais que surgiram no âmbito da recuperação das zonas afetadas?**

R. A 8.1.4. (\*) que surgiu após os incêndios de 2017 e a criação, por parte do Governo, de uma linha de apoio de cerca de 13 milhões de euros dedicado à recuperação da floresta da zona centro. Nós fizemos o projeto, que foi aprovado, e também já tínhamos outro projeto para a plantação de pinho com faixas de gestão de combustível com sobreiros e medronheiros. Esse projeto ficou em *standby*, porque a linha de financiamento que havia estava abaixo do necessário, estamos a falar de 160 Ha e o preço que pagavam por Ha era muito abaixo do necessário e implicaria um esforço da nossa parte muito grande que ascenderia, garantidamente, a 150 a 200 mil

euros compartilhados da nossa parte. Ainda que nós sejamos uma associação com fundos, temos de fazer uma gestão adequada desses fundos e neste momento temos outras prioridades que não passaria pelo investimento de uma quantia tão elevada num só sítio. Temos também a questão do gado (outro projeto) que para já é essencial e a fixação de pastores que vai permitir criar postos de trabalho e dinamizar uma freguesia que por si só já está deserta... e vamos apostar na parte do mel, consideramos que futuramente vai ser uma excelente aposta quer pela zona em que estamos inseridos quer pela rentabilidade que poderemos trazer daqui...

O projeto inicial do 8.1.4, foi, basicamente, a questão das estradas, da plantação, da recuperação dos pontos de água que tinham ficado danificadas com os incêndios... e agora queremos acabar de fazer a limpeza do pinhal e também entrar pela parte da resinagem que consideramos que, além de ser um fator de rendimento, é um fator que nos vai ajudar a manter um pinhal limpo e cuidado, evitando, essencialmente, que os fogos entrem e que este tipo de vegetação arda com grande intensidade.

(\*) Operação 8.1.4-Restabelecimento da Floresta Afetada por Agentes Bióticos e Abióticos ou por Acontecimentos Catastróficos (PDR 2020)

“

**O MEDRONHO PARA ATINGIR UMA PRODUÇÃO PLENA LEVA NO MÍNIMO 10 ANOS, É ÓBVIO QUE SE FALARMOS AQUI DE 40 HA OU 50 HA SÓ DE MEDRONHOS ESTAMOS A FALAR DAS MAIORES PLANTAÇÕES DE MEDRONHO DO PAÍS.**

“

**P. Existe, portanto, uma ambição e preocupação em preservar a floresta na sua génese, nomeadamente com a plantação de medronheiros, um projeto de pastorícia, outro de produção de mel. Neste momento, têm mais algum projeto delineado?**

R. Estes baldios têm cerca de 1400 hectares, e queremos ver se conseguimos também financiamento para continuar a arborizar estas zonas que aqui estão sem qualquer tipo de arborização. Neste momento já não há medidas abertas para este tipo de projetos. Temos

um único projeto a decorrer que trata do controlo de vegetação, nada mais que isso. A curto prazo o que nós vamos já fazer é a implementação do curral do gado com um rebanho, inicialmente, de cerca de 50 a 100 cabeças de gado e depois iremos partir para a parte das colmeias e, eventualmente, estamos a ponderar a questão do olival porque também é algo que achamos que terá grande viabilidade económica.

**P. O projeto da plantação de medronheiros acaba por ser um dos muitos planos da vossa comissão. Dentro desse plano, qual é o vosso grande objetivo?**

R. Costuma-se dizer que o sonho comanda a vida, mas o sonho, o sonho era uma destilaria com marca própria. Ainda estão muito pequeninos, o medronho para atingir uma produção plena leva no mínimo 10 anos, é óbvio que se falarmos aqui de 40 Ha ou 50 Ha só de medronhos estamos a falar das maiores plantações de medronho do país. É óbvio que isso também nos enche de orgulho, mas acima de tudo, não é tanto a parte monetária que nos move, mas sim a dinamização de toda esta área que nós consideramos ter um potencial enorme. Tem um potencial enorme e está completamente subaproveitado e não se pode aceitar, principalmente pelas entidades locais, que isto seja uma freguesia

que está morta e não há nada a fazer e então cruzamos os braços e deixamos isto acabar, porque estamos a falar da 2.ª ou 3.ª freguesia maior em área do país com 55 km<sup>2</sup> e que tem uma população residual de cento e poucas pessoas. E realmente não se vê a fazer nada em contrário por parte das entidades locais. Aqui temos que, realmente, reconhecer o mérito à Câmara que, com as limitações financeiras que teve, que todos sabemos, dentro das possibilidades, sempre nos apoiou naquilo que nós precisávamos, sempre tivemos a porta aberta por parte da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos para todo e qualquer projeto que tivéssemos, que considerassem viável. Isso é verdade e não podemos esquecer jamais isso.

**P. Os terrenos que a comissão foi adquirindo ao longo dos anos já contemplam uma área extensa. A vossa ideia é também contribuir um pouco para esta gestão tão necessária na prevenção de incêndios?**

R. Nós tínhamos um projeto no âmbito da 8.1.5 (\*) que seria uma plantação de 160 hectares, maioritariamente cerca de 60 % de pinho bravo e os outros 40 % seriam de medronheiro e sobreiro, ou seja seriam faixas de gestão... mais uma vez nós não queremos uma plantação de uma só espécie... nós sabemos que o sobreiro demora muito tempo a dar, mas depois de dar também se tira rentabilidade. Nós temos essa facilidade de poder esperar, porque também temos financiamentos, temos a facilidade de saber esperar e saber que no fu-

turo teremos dividendos. Acima de tudo é um futuro para as próximas gerações, quando estamos a falar do impacto das alterações climáticas, é olharmos que isto aqui pode ser o início da mudança.

(\*) Operação 8.1.5-Melhoria da Resiliência e do Valor Ambiental das Florestas (PDR2020)

**P. 2011 e 2017, especialmente, foram anos muito emotivos. O Bruno viveu de perto esses momentos. Como é que se ultrapassa e se olha para o futuro?**

R. Não é fácil, só quem vive...

é sentir o inferno na terra, ver linhas de fogo como eu vi aqui do cimo da serra...é muito complicado. Mas também não podemos baixar os braços. O essencial é saber que errámos e não podemos voltar novamente a errar, e para

“

**... MAIS UMA VEZ NÓS NÃO QUEREMOS UMA PLANTAÇÃO DE UMA SÓ ESPÉCIE...**

“



“

**ENTÃO VAMOS  
JUNTAR A  
COMUNIDADE LOCAL  
E FAZER ENTENDER  
QUE ISTO É PARA O  
BEM DE TODOS E NÃO  
PARA O BEM DE UM.**

“

não voltar novamente a errar não podemos voltar outra vez a fazer exatamente aquilo que estávamos a fazer. Em 2011 nós conseguimos circundar a área, arderam cerca de 20 Ha, mais ou menos, de pinho, mas conseguimos que não alastrassem muito mais do que isso, porque havia estradas, havia pontos de água, que permitiram uma intervenção rápida ao incêndio. Sabemos perfeitamente que não podemos pedir aos bombeiros para apagar incêndios sem condições. Realmente é lamentável vermos que isto não é um panorama a nível local, é um panorama a nível nacional. Falamos em políticas das florestas e não há, na prática, uma alteração do paradigma.

**P. Como é que, na sua opinião, se mudam esses paradigmas?**

R. Acima de tudo é jogarmos pela prevenção, temos de tentar fazer entender às pessoas que há outros caminhos. A nossa perspetiva agora, à volta da aldeia, é arrancar a vegetação e plantar tudo com espécies autóctones, porque nós sabemos que se o fogo entrar por cima só o conseguimos parar ao pé da casa, porque não há outra forma de o parar. Então vamos juntar a comunidade local e fazer entender que isto é para o bem de todos e não para o bem de um. Porque depois de termos aqui os incêndios não há nada a fazer, a única coisa a fazer é tentar apagá-lo, uma coisa

é arder em eucalipto, outra coisa é quando ele está arder em sobreiro, ou está a arder em medronho... nós sabemos perfeitamente que uma plantação de sobreiros tem uma concentração de 30 %, pelo menos, superior de humidade em relação ao eucalipto, lógico que quanto mais humidade existir com menos intensidade ele arde. É óbvio que as linhas de água devem ser limpas, as estradas devem ser cuidadas, mas o principal é sempre a floresta. O eucalipto não é uma espécie diabólica, o problema do eucalipto é haver uma cultura intensiva desta espécie.

**P. O essencial será mudar mentalidades. Contudo, quando se trata de particulares com terrenos de pequena dimensão, essa capacidade de alterar paradigmas pode ser mais difícil.**

R. Não! Eu interpreto as coisas de outra forma... É lógico que tem de haver uma distribuição de lucros, para alguém ceder a parte dele (para faixas de gestão), na qual não terá plantação, tem também de ter algum retorno! Agora as pessoas não se podem cingir, única e exclusivamente, ao lucro, à parte rápida, que é: 'planta eucalipto daqui a 8 ou 9 anos corta-se, daqui a mais 8 ou 9 anos corta-se outra vez, não tem trabalho nenhum. Não! Posso-vos dizer, garantidamente, que se formos fazer uma análise, tanto o medronho como abacateiro, por

exemplo, são espécies muito mais rentáveis do que o eucalipto, mas muito mais rentáveis. Se formos ver os estudos que há para o medronho, os estudos que há para o abacate, o estudo que há para a própria castanha. Dão muito mais trabalho, todos os anos têm de ser colhidos. Muitas vezes a questão que nos colocam é: 'agora fizeram a plantação, quem é que arranjam para ir colher?' Tomara eu que eles já estivessem a produzir, e já estão preocupados com um problema futuro, já estão a sofrer por antecipação. As pessoas vão logo com o espírito derrotista... se formos a pensar assim nunca fazemos nada! O problema não é arranjar pessoas para cá, o problema é ter o sítio onde fazer as coisas...por exemplo o curral do gado, aí demoramos 4 ou 5 anos para arranjar um curral do gado, porque do ponto de vista

do PDM e das limitações que nós temos foi muito complicado... conseguimos passar esse ponto e agora vamos ao próximo passo. E aí, sim, esta plantação junto com o curral do gado será o início de uma coisa que podemos considerar que é uma mudança de paradigma, uma mudança de mentalidades e demonstrar às pessoas, na prática, que realmente é possível fazer mais e muito melhor para todos. Temos de pensar sempre num projeto médio prazo! Pelo menos nós aqui nunca podemos pensar no lucro a curto prazo, porque isso era fácil! Nós já fomos assediados diversas vezes por celulosos nacionais para arrendar isto, era um lucro que era fácil. Mas não é esse o objetivo, não pode ser esse o objetivo. O que nos preocupa é deixarmo-nos de teorias e passarmos à prática.

“

**TEMOS DE PENSAR SEMPRE NUM PROJETO MÉDIO PRAZO! PELO MENOS NÓS AQUI NUNCA PODEMOS PENSAR NO LUCRO A CURTO PRAZO, PORQUE ISSO ERA FÁCIL!**

“



**P. Eólicas, árvores autóctones, gado, produção de queijo, preservar a floresta e valorizar o interior, mudar mentalidades e paradigmas. Não é um caminho fácil, mas baixar os braços não faz parte do vosso vocabulário. Qual seria a cereja no topo do bolo?**

R. Este projeto (Comissão de Compartes) é um projeto com 20 anos, tivemos os primeiros 6/7 anos sem qualquer tipo rendimento.

As primeiras fontes de rendimentos foram dos parques eólicos. Depois a seguir tivemos que criar o resto, criar condições para as pessoas estarem mais tempo, por exemplo colocamos internet gratuita para todas os habitantes. E isso faz muita diferença, porque há 10 anos esta aldeia nem rede de telemóvel tinha e 10 anos depois já tem 4G com internet gratuita para todos. E aí a Fundação Vodafone foi uma mais valia. Mas agora temos rede de telemóvel, temos internet, é lógico que as pessoas vêm muito mais do que vinham antes. Agora é preciso continuar a criar condições, o que nós queremos a breve trecho, queremos ter aqui pessoas a trabalhar, disponibilizar madeira a custo reduzido para os Compartes, é, por exemplo, ter o gado e a produção do queijo ser a custo reduzido para as pessoas dos Compartes. Beneficiar as pessoas das aldeias que fazem parte dos Compartes para que as pessoas tenham o incentivo de estar cá mais tem-

“

**POSSO DIZER QUE HÁ 3 PROJETOS NESTE MOMENTO PARA A PARTE TURÍSTICA NA ALDEIA DE ALGE, E UM COM ALGUMA IMPONÊNCIA JÁ.**

“

po, porque se não houver pessoas não vale a pena estarmos a fazer isto. Isto aqui tem sempre de ser focado a pensar no que podemos retirar daqui em benefício de uma freguesia que está completamente desertificada, do interior do país, com todas as contingências que isso tem. A médio prazo há muitos outros projetos, muitos na parte social, nomeadamente a criação de centro de dia ou mesmo de um lar de idosos, seria a cereja no topo do bolo. Isso seria realmente aquilo que nós queríamos, terminar todos estes projetos com esta parte de cariz social. Como tivemos este dinamismo e tivemos toda esta engrenagem montada, garantidamente nós teremos um conjunto de aldeias do interior do país onde se vai demonstrar realmente que o interior não está perdido, tem um potencial enorme e está completamente subaproveitado. O ponto

de partida é realmente este. Será o início de muita coisa, se não nos faltar as forças (sorrisos), isto, juntamente com o gado será o início de muita coisa.

**P. Olhando toda esta belíssima área florestal e as diversas possibilidades de que já falámos, o turismo seria também um projeto a desenvolver no futuro?**

R. Há muita coisa que pode ser feita, há muita carta na manga! Posso dizer que há 3 projetos neste momento para a parte turística na Aldeia de Alge, e um com alguma imponência já. Há turismo de natureza que pode ser feito, parques aventura, vamos recuperar os antigos passadiços junto à ribeira, recuperar os moinhos, temos moinhos e lagares junto à ribeira. O património histórico que estas aldeias têm não é conhecida por muitos, quer da minha geração quer da geração anterior à minha. Posso-lhe dizer que num trecho de 4-5 km há cerca de oito moinhos à beira da ribeira. Portanto, estamos a falar do projeto Aljia que eu acho que, se realmente continuar a ser implementado e for implementado na sua essência, será uma mais-valia enorme. Quer o potencial turístico quer o potencial florestal estão todos ligados, agora eu digo-lhe: isto é uma pequena gota para aquilo que pode ser feito, mas é um ponto de partida.